

COMPREENDENDO O FREVO: EVOLUÇÃO HISTÓRICA E SUA IMPORTÂNCIA PARA O CARNAVAL PERNAMBUCANO

Maria Patrícia Freitas de Souza

Priscila Fernandes Carvalho de Melo

A história do frevo há décadas vem sendo objeto de registro, investigação e análise por historiadores, pesquisadores e estudiosos, a exemplo dos autores Araújo (1996), Lélis (2011), Sarmiento (2010) encontrados na literatura sobre o frevo. Muitas dessas produções buscam valorizar e entender a riqueza e a diversidade existente nesse universo plural que é o frevo e seus inúmeros atores.

Além de estar inserido nesse contexto, um dos eventos culturais de maior expressão e potencialidade que é o carnaval da cidade do Recife, o frevo vem como o elemento de maior importância e com profundo valor simbólico que é fundamental na construção da identidade social da cidade.

Para Araújo (1996, p. 22), “o frevo já estava consolidado como forma específica das camadas populares vivenciarem o carnaval e, por outro lado, já se delineavam os traços embrionários do projeto cultural que transformaria em símbolo de identidade coletiva”.

O Brasil realiza uma das maiores festas públicas e populares no mundo, o carnaval. Ainda que as diferenças de classe e etnias evidenciem tantos contrastes, o carnaval é usualmente definido como a festa da confraternização universal e da democracia social que une e iguala a todos.

É uma das manifestações socioculturais que fazem parte de um complexo cultural que propiciou o processo de construção da identidade cultural desse país.

O frevo é um símbolo dessa repercussão mais particularizada que serve para identificar culturalmente uma determinada região ou área do país, manifestação originada no carnaval de Recife, nascida entre as camadas mais populares urbanas. Compreender o frevo é de certa forma, reconstruir parte das camadas populares e da própria formação da cidade de Recife (IPHAN, 2016).

Assim, sendo o frevo considerado como uma manifestação cultural que se originou no final do século XIX e tem no carnaval um dos seus principais momentos de ocorrência, articulando-se na diversidade de expressões como a música, dança, poesia, indumentárias, adereços, ações individuais e coletivas, a referida pesquisa surge com o objetivo de descrever a história do frevo, nas festividades do carnaval pernambucano. Os objetivos específicos do trabalho se propõem refletir a importância do evento carnaval na reprodução do frevo como identidade da cultura pernambucana e identificar os fatos históricos e culturais que levaram o frevo a patrimonialização. O problema central desta pesquisa é “Qual é importância do Frevo no processo de criação da identidade da cultura pernambucana?”

Discutir cultura é fundamental para compreender seus processos e áreas de influência, é o principal instrumento de preservação de valores e costumes, tendo potencial de agir como um agente transformador quando analisada como ferramenta social.

Quanto à abordagem metodológica este estudo é de caráter exploratório e descritivo fazendo uso da pesquisa bibliográfica e documental. A escolha da temática desta pesquisa surgiu durante o período da graduação com os estudos na disciplina de Gestão Cultural e Eventos, assim como na realização do estágio curricular obrigatório realizado no Paço do Frevo, com a atuação de assistente de produção cultural, em um dos equipamentos culturais de maior relevância para a preservação e difusão do frevo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa apresenta-se como exploratória-descritiva, fazendo uso da pesquisa bibliográfica e documental, utilizando-se da abordagem qualitativa. Como objeto de estudo, foi adotado o Frevo, que surgiu da necessidade de descrever a história do frevo, nas festividades do carnaval pernambucano, as pesquisas iniciaram durante o período de estágio realizado no Paço do Frevo, onde encontramos o Centro de Documentação Maestro Guerra peixe, que reúne documentos e informações relativos ao universo do frevo.

Uma vez que o frevo é considerado como uma manifestação cultural que tem no carnaval um dos seus principais momentos de ocorrência, a escolha por essa abordagem é baseada na perspectiva de compreender melhor o fenômeno estudado a partir da ótica de pessoas envolvidas no processo, um dos documentos estudados foi o Dossiê de candidatura do frevo que têm por base os estudos que fundamentaram o

registro do bem cultural e reflete as etapas de pesquisa, análise e reconhecimento desse patrimônio.

Segundo Gil (2008), as pesquisas são exploratórias quando se busca ter maior familiaridade com o objeto pesquisado, de forma a torná-lo mais claro. Esse tipo de pesquisa por ser flexível, possibilita considerar diversos aspectos do objeto de estudo. Já a pesquisa descritiva consiste em estudar as características do objeto de estudo, estabelecendo as relações entre as variáveis, tendo como “objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população” (GIL, 2008, p. 42).

Com isso, foi adotada essa trilha metodológica para compreender o tema pesquisado, bem como ter familiaridade com a problemática em questão, percebendo as suas características e relações práticas com o contexto atual, de forma a pontuar hipóteses e problemas que possam ser pesquisados futuramente (GIL, 2008).

Assim, a pesquisa foi iniciada por uma revisão bibliográfica em trabalhos científicos publicados em periódicos e livros. Segundo Marconi e Lakatos (2017), a pesquisa bibliográfica é realizada baseando-se em textos contidos em: livros, jornais, revistas, artigos científicos, resumos, entre outros. Para realizar o levantamento das produções científicas sobre a temática, foi utilizando como principais palavras-chave: eventos, eventos carnavalescos, frevo, identidade cultural, carnaval.

Já para a pesquisa documental, que está relacionada a ter como fonte documentos denominados de fonte primárias ou secundárias, que ainda não receberam um tratamento analítico (fonte primária) ou que já foram analisados (fonte secundária). As fontes primárias são: documentos oficiais, diários, filmes, fotografias, gravações, reportagens de jornal, entre

outras. As secundárias são: tabelas estatísticas, relatórios de pesquisa, entre outros (GIL, 2008).

Com a finalidade de acompanhar as transformações que estão acontecendo, esta pesquisa adotou como estratégia de investigação o método qualitativo (MANSANO, 2014) por meio do estudo de caso. Assim sendo, foram utilizados como instrumentos de coleta de dados a observação in loco, por meio do estágio obrigatório e da pesquisa documental, por meio do dossiê do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Na sequência, foram apresentadas as informações obtidas através da pesquisa bibliográfica e documental.

O FREVO EM RECIFE

Raízes do Frevo e sua relevância no evento do Carnaval

O frevo é uma manifestação cultural que tem suas origens no carnaval do Recife, Pernambuco-Brasil. Se expressa através da música, dança, indumentárias² e comportamento. Durante os dias de carnaval e o período festivo, as agremiações de frevo saem às ruas com seus estandartes e flabelos³, símbolos na identificação desses grupos sociais, acompanhados de orquestras e foliões enchendo as ruas da cidade de cores e alegria.

No Brasil, os costumes carnavalescos têm sua origem no entrudo, manifestação europeia. A brincadeira era acertar qualquer pessoa com uma alegre e suja batalha. Apesar das tentativas de proibir a festa por conta de

²Vestuário utilizado em determinada época, região ou povo (Oxford Languages).

³ Abre-alas que se assemelha ao estandarte, de estrutura mais leve e erguido apenas pelas damas (LELIS, 2018).

toda balbúrdia provocada, desde o século XVII, o entrudo avançou até se transformar no carnaval assim como conhecemos atualmente.

A etimologia da palavra entrudo vem do latim *Introitus*, que significa entrada, começo e refere-se ao período que antecede o início da Quaresma (ARAÚJO, 1996). Desse modo, o entrudo representa a entrada na festa da carne, o carnaval. Representando um período de consagração de hábitos profanos, mas que conserva uma referência religiosa, já que antecede os preparativos para a Páscoa, momento que os fiéis católicos celebram a Ressurreição de Jesus Cristo (ARAÚJO, 1996 *apud* VALADARES, 2007).

O carnaval no Recife ganhou a sua feição a partir da origem aos festejos do entrudo. Dessa forma o frevo herdou sua vocação para as ruas e a sua essência popular.

Segundo Rita de Cássia (1996), o frevo surgiu da inquietação de movimentos e ideais nacionalista, como: libertação dos escravos, a formação e a consolidação dos trabalhadores e operários, bem como do progresso e crescimento da cidade do Recife. Isso evidencia o seu caráter plural e, ao mesmo tempo, singular diante de seu lugar histórico-social.

Para Araújo (1996), o frevo representa o seguinte:

O frevo estava na rua, valente, furioso, violento e vitorioso. Emergia da massa popular, tendo por esteio os clubes pedestres e suas orquestras. A eles, juntavam-se os indivíduos desgarrados, atomizados, sem laços que os definissem socialmente e lhes dessem um lugar estabelecido no mundo da ordem: trabalhadores braçais, jornaleiros, vadios, desordeiros, prostitutas, capangas e moleques de rua (p. 361).

De acordo com IPHAN (2016), os conflitos sociais acompanharam o desenvolvimento do frevo e não poderia ser diferente. O contexto sociocultural e político vivenciado nas ruas do Recife durante o final do século XIX, revelava a rebeldia e euforia inspiradas pelos ideais nacionalistas, republicanos e abolicionistas. Devido à abolição da escravidão, as camadas mais populares passaram a promover festas carnavalescas, ocupando mais os espaços públicos. Na década de 1880 surgem os primeiros Clubes Pedestres trazendo à cena os novos protagonistas da história. Os povos comuns eram compostos pelos operários, mascates, trabalhadores, que desfilavam e arrastavam foliões, acompanhados pelas bandas marciais nas ruas estreitas do centro da capital pernambucana, nos bairros de São José, Santo Antônio e Boa Vista. Quando a música passou a se destacar na festa, na linguagem daquela gente simples, era comum ouvir que a multidão ‘frevia’ naquele ritmo contagiante. Oficialmente, a palavra “Frevo” foi registrada pela primeira vez no dia 9 de fevereiro de 1907, no Jornal Pequeno, onde citava um ensaio do clube carnavalesco Empalhadores do Feitosa.

O IPHAN (2016, p. 83), traz que a origem da palavra frevo “estava muito mais relacionada à efervescência e ao reboiço das multidões nas ruas (vinculadas à conjuntura social e cultural da cidade), do que a música, que na época era chamada de marcha carnavalesca”.

A musicalidade do frevo surge com a combinação de alguns gêneros, como: a polca, a marcha, a quadrilha, o maxixe e o dobrado; executadas pelas bandas de músicas civis e militares. Visto que, no fim do século XIX, estas bandas eram responsáveis por entreter as pessoas em festas e eventos públicos. Com esta mistura de elementos nasce a música

do frevo, subdividida em três categorias: Frevo-de-rua, Frevo Canção e Frevo-de-Bloco (SARMENTO, 2010). Foi dessa fusão de ritmos populares e eruditos, que faziam parte da trilha sonora dos desfiles carnavalescos, que se desenvolveu o gênero musical que hoje conhecemos como frevo.

O primeiro estilo que surge é o “Frevo de Rua”, inteiramente instrumental, executado por orquestras formadas por trombones, trompetes, tubas, saxofones, clarinetes e requintas. É próprio dos clubes de frevo e das troças, o mesmo possui três modalidades: Frevo ventania, Frevo Coqueiro e Frevo de Abafo. Frevo ventania é caracterizado pela execução de frases rápidas por instrumentos como clarinetes, requintas e saxofones, que provocam uma sonoridade semelhante a uma ventania. Frevo Coqueiro é uma variante do frevo de abafo, formado por notas altas, curtas e agudas, de rápida execução, apresentadas pelos trompetes e trombones. E, por fim, o Frevo de Abafo, onde predominam as notas longas tocadas pelos metais, com o intuito de abafar e enfraquecer o som da orquestra adversária.

O “Frevo Canção” possui os mesmos instrumentos utilizados no frevo de rua, e assim como o frevo de bloco sua música possui letra, os temas das canções são as mais diversas versando em especial sobre a exaltação do frevo e do próprio carnaval. A letra do Frevo nº 3 do Recife de Antônio Maria, frevo-canção, século XX é uma explícita, porem simbólica, declaração de amor ao Recife: “Sou do Recife com orgulho e com saudade Sou do Recife Com vontade de chorar”. Trás em seus versos o orgulho de sua cidade e o sentimento nostálgico de locais e pessoas referência para o frevo.

Por fim, temos o “Frevo de Bloco”, que é executado por uma orquestra de pau e corda, como violões, cavaquinhos, banjos, bandolins, flautas e clarinetes. As músicas são tocadas por um coral feminino e muitas vezes as composições retratam temas líricos, nostálgicos e de exaltação aos carnavais do passado. Há exemplo da letra Madeira que Cupim não Rói do compositor Capiba, frevo de bloco século XX: “Madeira do Rosarinho/ Vem a cidade sua fama mostrar/ E traz com seu pessoal/ Seu estandarte tão original/ Não vem pra fazer barulho/ Vem só dizer, e com satisfação/ Queira ou não queira os juízes/ O nosso bloco é de fato campeão” (IPHAN, 2016, p. 43).

Contextualizando o passo de dança do frevo, que tem uma característica singular é que o bailarino dança dialogando com os instrumentos, em dado momento, passou a existir muita rivalidade entre as bandas, à frente das bandas se posicionavam capoeiristas (ex-escravizados, trabalhadores braçais), que eram contratados para abrir espaço e defender as bandas dos grupos rivais, demonstrando bastante habilidade e agilidade interagindo com o ritmo musical em formação. Dessa forma, surge o “passo”, a dança do frevo, herança da capoeira e da originalidade espontânea desses que mais tarde seriam reconhecidos como passistas (SARMENTO, 2010).

Segundo o Dossiê de candidatura do Frevo, com a repressão por parte da polícia a esses grupos, “o capoeira”⁴ foi se tornando mais

⁴ Jogador de uma arte marcial de ataque e defesa introduzida no Brasil por escravizados negros africanos e posteriormente praticado pelo malandro mestiço brasileiro típico do século XIX. Especialmente no Rio de Janeiro, Bahia e Recife.

“ameno”, criando uma coreografia de modo a acompanhar a multidão, movimentos que passaram a ter denominações próprias. Assim como a capoeira, muitos passos de frevo mantêm as características de movimentos de ataque e defesa, dessa forma diversos passos são executados “chutando de frente”, “pernada”, “abre-alas”, “rojão” e “tramela”, passos firmes e agressivos.

Os nomes atribuídos aos passos tiveram influências diversas, muitos deles inspirados na relação com o trabalho, os instrumentos e objetos utilizados do cotidiano desses trabalhadores, como os passos “dobradiça”, “alicate”, “martelo”, “parafuso” entre outros que mais tarde seriam catalogados por Egídio Bezerra Nascimento do Passo, dançarino e pesquisador que “batizou” diversos passos e contribuiu significativamente para o ensino e a propagação da dança popular na cidade (IPHAN, 2016).

Sabe-se que um dos símbolos do frevo é a sombrinha onde, atualmente, foram incorporadas as cores, verde, vermelho, amarelo e azul, referência a bandeira pernambucana. O seu surgimento para uso no frevo veio quando o Estado proibiu a capoeira, de forma a tentar controlar as agitações que ocorriam no carnaval. Diversos capoeiristas utilizavam o acessório, tanto para abrir espaço nas ruas estreitas quanto para se proteger das ameaças rivais, desse modo, a sombrinha ficou sendo utilizada como símbolo de defesa (SARMENTO, 2010).

Ao olhar para o frevo, vemos uma mistura de música e dança que se tornaram um só. Araújo (1996) relata que a dança do frevo, ou como ficou popularmente conhecida como passo:

Surgiu de um processo de elaboração lento e espontâneo. Os populares que acompanhavam os passeios das agremiações – mas não pertenciam às mesmas e não participaram das ensaiadas manobras – sentiam-se contagiados pelas marchas excitantes, executadas pelas orquestras. Incorporavam o ritmo vibrante das músicas e deixavam fluir os passos da dança, quase sempre individual, a sugerir agressividade e defesa. Os movimentos ágeis e definidos dos corpos, por sua vez, retornaram aos músicos e inspiravam novos acordes, num processo incessante de troca, improvisação e criação coletivas (p. 362).

A figura 1 a seguir retrata o movimento dos passistas do Frevo.

Figura 1: Passistas de Frevo no carnaval de Recife (1947)



Fonte: Pierre Verger, Folha de São Paulo, 2006.

Esse tipo de manifestação popular, o carnaval de rua e o frevo sofreram com a repressão e censura por parte do estado, até as duas

primeiras décadas do século XX. Para dita “elite pernambucana” aquela desordem nas ruas pareciam uma ameaça aos bons costumes.

Valadares (2007) relata que as primeiras imagens trazidas como identidade visual do frevo foram: estandartes, roupas, insígnias dos clubes⁵ e acessórios. Isso auxiliava a sociedade a guardar na memória essa importante manifestação cultural, através desses símbolos visuais, até a próxima apresentação de frevo ou carnaval. Com o passar do tempo, o frevo foi passando a ter cada vez mais visibilidade na mídia, invadindo as confecções na construção dos trajes para a população, sendo registrado em filmes, discos e fotos, o que resultou na sua difusão. E começou a ser visto com uma expressão da população pernambucana. Desse modo, passou a ser apropriado como identidade cultural pernambucana.

O Frevo como patrimônio imaterial e o processo de criação de um símbolo da cultura pernambucana

O conceito de cultura está atrelado às diversas formas de manifestações artísticas como dança e a música, é o conjunto de valores, tradição, cresça e costumes representativos de um determinado grupo de indivíduos. Neste aspecto, a cultura é toda a prática por meio da qual o indivíduo produz significado, conferindo sentido às particularidades vivenciadas pelo grupo social. De acordo com Stuart Hall, teórico cultural reconhecido por suas pesquisas na área da cultura, define-se cultura como:

⁵Sinal distintivo que é um atributo de poder, de dignidade, de posto, de comando, de função, de classe, de corporação, de confraria etc.: Símbolo, emblema, divisa. 1.1 estandartes, bandeira. (Houaiss, 2002).

[...] os sentidos e valores que nascem entre as classes e grupos sociais diferentes, com base em suas relações e condições históricas, pelas quais eles lidam com suas condições de existência e respondem a estas; e também como as tradições e práticas vividas através das quais esses entendimentos são expressos e nos quais estão incorporados (HALL, 2003, p. 142).

Nos estudos sobre a identidade cultural compreendemos que é uma construção simbólica das relações entre os grupos, que partilham de patrimônios comuns como a língua, as artes, as festas entre outros elementos que contribuí para a formação da identidade cultural.

Stuart Hall (2006) apresenta o conceito do que denomina “identidades culturais” como aspectos de nossa identidade que surge do nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas, acima de tudo nacional.

Assim, percebemos que os grupos sociais compartilham histórias e memórias coletivas, e modos de organização social, construindo ao longo do tempo o conceito de cultura, identidade e pertencimento, formando nosso patrimônio cultural que está dividido em bens de natureza materiais ou imateriais. Os bens culturais imateriais estão relacionados aos saberes, às habilidades, às crenças, às práticas dos diferentes grupos sociais.

De acordo com a UNESCO (2003), expõe como definição de patrimônio cultural imaterial

As práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural (UNESCO, 2003, p. 4).

Falar de identidade cultural, nesta pesquisa, é buscar entender o frevo não somente como uma importante manifestação, mas também como elemento cultural identitário de Pernambuco e do Brasil.

Na década de 1980, o frevo foi reconhecido como símbolo da cultura pernambucana. Passando a ter a sua identidade visual (sombriinha, roupa, passo) vista em orelhões, monumentos, cartazes, espalhados pela cidade. E também, passou a ter essa validação, quando uma passista usou a roupa com a bandeira de Pernambuco em sua composição (VALADARES, 2007).

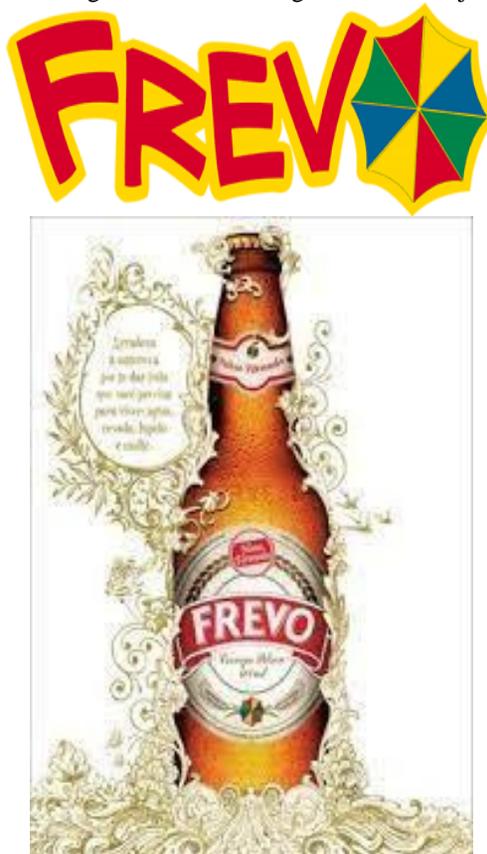
Figura 2: Orelhão Inspirado na Sombriinha do Frevo



Fonte: Carol Araújo, 2006.

O frevo veio com uma expressão popular tão peculiar que invadiu o setor privado. Esse setor percebeu a força dessa identidade cultural pernambucana e a associou a marcas de refrigerante e cerveja. Isso, permite com que logo sejam associados ao estado de Pernambuco, como relata Valadares (2007).

Figura 3: Logo Marca do Refrigerante e cerveja Frevo.



Fonte: Site do Leão do Pici e Pinterest, 2021^{6/}

⁶<<http://leadopici2010.blogspot.com/2017/12/refrigerantes-frevo-e-servis-seguranca.html>>. Acesso em: 23 out. 2021.

Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/703124560560816865/>>. Acesso em: 23 out. 2021.

Tanto na marca da cerveja, quanto na do refrigerante, visualiza-se o uso da sombrinha. Esta que viria se tornar o maior símbolo do frevo, usada pelos passistas como alegoria e para auxiliá-lo a manter o equilíbrio durante a execução dos passos, levando em sua composição as cores representativas da bandeira do estado.

De acordo com Lima e Neto (2019), com essa forte representação do frevo, e sua importância na questão sociocultural de Pernambuco, foi-se fomentando a ideia de originalidade e autenticidade, elucidando para o caminho da patrimonialização. Dessa forma, a Prefeitura do Recife, através da sua Secretaria de Cultura, patrocinou a produção de um Inventário, o Dossiê de Candidatura do Frevo (IPHAN, 2006), o que levou o frevo a ser registrado como Patrimônio Imaterial do Brasil. O processo de registro teve início em 20 de fevereiro de 2006, com uma solicitação através do ofício nº085 dirigido ao Ministro da Cultura Gilberto Gil, tendo como proponente a Prefeitura do Recife e assinado pelo Prefeito João Paulo Lima e Silva. Segundo Iphan (2016), Carmen Lélis em entrevista disse:

considerando a representatividade da manifestação do frevo na cultura pernambucana e brasileira, dentro do conjunto de ações comemorativas do Centenário da palavra Frevo, que ocorrerá em 9 de fevereiro de 2007 (dia oficial, instituído pelo Decreto Municipal nº 15.628/1992), apresenta ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o presente Dossiê com o objetivo de obter o seu Registro no Livro das Formas de Expressão do Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, conforme previsto no Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000 (IPHAN, 2016, 14).

O frevo constitui um valor singular para a cultura pernambucana e brasileira, é uma forma de expressão marcada pela luta e resistência, mas, também, reconhecida como símbolo de alegria e criatividade. Representa e traduz um sistema cultural complexo e dinâmico, trazendo em sua essência as histórias, os modos de vida, valores, tradições e crenças, dando sentido e significado a diversas práticas sociais e culturais.

No último capítulo do Dossiê de candidatura (IPHAN, 2006), intitulado, “Frevo: Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil” são elucidados os motivos defendidos pela equipe técnica para classificar a manifestação como Patrimônio, sendo assim exposto:

O frevo constitui um valor referencial para a cultura pernambucana e brasileira, pois congrega expressão e reação do povo, fazendo emergir a grande massa delirante do carnaval de rua. Como patrimônio imaterial, apresenta-se na forma de uma manifestação cultural musical, coreográfica e poética de caráter coletiva, embora não deixe de se expressar também em criações individuais encenadas a partir de suas bases. Não existem dúvidas de que o frevo seja patrimônio cultural brasileiro, o que pode ser constatado a partir da sua dimensão de referencial identitário, não para um grupo, etnia ou classe, mas para todos. Em seus aspectos de resistência, historicamente luta de classe, hoje de mercado, evidencia-se a sua forma viva, expressa no cotidiano do povo (IPHAN, 2006, p. 118).

Um dos aspectos reafirmado pela antropóloga Elaine Muller, em seu parecer técnico é a “força do frevo enquanto símbolo identitário- não de grupo étnico específico, mas como símbolo de “pernambucanidade”, e num sentido mais amplo, de “brasilidade”.

Após um intensivo processo dos requisitos técnicos, jurídicos e burocráticos exigidos pela regulamentação do IPHAN, o frevo alcançou a aprovação, e em 28 de fevereiro de 2007, obteve o registro no livro das Formas de Expressão como Patrimônio Cultural do Brasil. Neste ano a prefeitura da cidade do Recife realizou uma série de eventos comemorativos para celebrar o centenário do frevo.

Uma vez registrado, o bem passa a ser objeto de ações de promoção, valorização e fortalecimento tanto pelas três esferas de governo, assim como pela sociedade civil, ações de fomento necessárias para sua reprodução e continuidade. Em consonância com esse cenário desenvolveu-se a elaboração de um documento norteador, denominado Plano Integrado de Salvaguarda do frevo, estruturado em cinco eixos centrais (Paço do Frevo; Documentação; Educação; Divulgação e Apoio às agremiações). Todas as propostas buscam atender o caráter dinâmico que envolve a produção e manutenção dessa forma de expressão. No primeiro eixo está à criação do Paço do Frevo, instalado na Praça do Arsenal da Marinha, S/N, no bairro de Recife e foi inaugurado em fevereiro de 2014. Este edifício que hoje abriga o museu é parte integrante da história da cidade, sendo o mesmo utilizado para abrigar, até 1973, a Western Telegraph Company, primeira empresa de telegrafo do Brasil.

O museu é uma iniciativa da prefeitura do Recife, com criação e realização da fundação Roberto Marinho, na qual sua idealização faz parte das ações de salva guarda do frevo, patrimônio imaterial registrado pelo IPHAN e reconhecido pela UNESCO como patrimônio da humanidade.

O gerenciamento do equipamento é realizado pelo Instituto de Desenvolvimento e Gestão - IDG, organização social sem fins lucrativos. Este local foi desenvolvido como um equipamento cultural planejado para ser um espaço do povo para o povo, assim como também é um centro de referência de memória, preservação e uso de uma das mais representativas manifestações da cultura popular carnavalesca do estado, contribuindo para perpetuar a riqueza do frevo, um dos principais ícones da identidade pernambucana.

O museu conta com o apoio de empresas públicas e privadas, do IPHAN e do governo federal, por meio da Lei nº 8313, de incentivo à cultura (PAÇO DO FREVO, 2018). Já a curadoria, ou seja, a responsável pela concepção do espaço, museografia e expografia foi realizada pela artista Beatriz Ferreira Lessa, conhecida como Bia Lessa, diretora e cenógrafa teatral, com o objetivo de proporcionar no local diversas áreas de formação, difusão e preservação da memória do frevo. O espaço é dividido em quatro pavimentos: o térreo é dedicado à exposição de longa duração e ao Centro de Documentação e Memória Maestro Guerra-Peixe; o primeiro e segundo andar são destinados às escolas de música e dança, à rádio, ao estúdio de gravação e à sala das exposições temporárias; no terceiro e último andar, dispõe de três espaços, um voltado para a música, outro, para o passo, que é o tipo de dança que caracteriza o frevo e um terceiro, para o frevo, que une música e passo, valorizando sua íntima relação (Figura 4).

Figura 4: Fachada do Museu Paço do Frevo



Fonte: Carlos Lima, 2021⁷.

No documento elaborado pelo Plano de Salvaguarda do Frevo encontram-se os principais objetivos, atividades e ações para viabilizar a preservação e o fomento do frevo, tendo como protagonistas as comunidades, os grupos e os indivíduos que criam, mantêm e transmite esse patrimônio. Considera-se que as ações de registro do frevo como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, associado às ações do Plano

⁷ Disponível em: <<https://pacodofrevo.medium.com/>>. Acesso em: 23 out. 2021.

Integrado de Salvaguarda, contribuem positiva e eficientemente, para a preservação acerca deste bem, como símbolo do carnaval pernambucano.

Em 2012, o frevo foi reconhecido pela UNESCO – Organização da Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, como Patrimônio Cultural da Humanidade, com o título “Frevo: arte do espetáculo do carnaval de Recife”. Na figura 5, podemos observar um pouco da arte do espetáculo do carnaval no desfile dos bonecos gigantes.

Figura 5: Desfile dos Bonecos Gigantes



Fonte: Acervo Iphan, 2021⁸.

Ao considerar que o processo de salva guarda do frevo como bem cultural vem acontecendo de forma sistêmica e continua, através de importantes ações realizadas para difusão, transmissão e promoção do

⁸ Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pe/galeria/detalhes/100/frevo>>. Acesso em: 23 out. 2021.

frevo como patrimônio imaterial, o Paço do Frevo, um dos principais eixos das ações de salva guarda, que além de museu, se constitui hoje como referencial para a transmissão de saberes ao longo dos seus sete anos de atividade, já recebeu mais de 6.000.000 visitantes e realizou mais de 500 ações, entre apresentações artísticas e roda de conversa, virtuais e presenciais. Além desses indicadores, nesse mesmo período as escolas de dança e música, através das ofertas formativas do programa cultural, já receberam mais de 2.000 alunos, outra forma de atuação são os profissionais envolvidos na promoção de cursos, minicursos e oficinas, que entre os anos de 2014 e 2019, mobilizou a contratação de 166 profissionais, gerando uma receita de cerca de R\$57.000,00 com pagamentos de inscrições, e de aproximadamente R\$ 9.000,00 com locação de salas de aula (JUNIOR; PINHEIRO; MARINHO, 2021). Estes dados foram mencionados no artigo publicado pelo Encontro de Estudos Multidisciplinares e Cultura- XVII Enecult, escrito por alguns dos gestores da equipe do Paço, e que demonstra a atuação e movimento dessa cadeia que dinamiza além da dimensão cultural, aspectos relativos a questões econômicas, turísticas, artísticas, entre outras que coloca o frevo como um importante elemento de mobilização social.

O frevo é uma expressão viva e extremamente dinâmica, marcada pelo diálogo permanente entre o passado e o contemporâneo, foi o primeiro gênero musical no Brasil criado especialmente para o carnaval, atualmente encontra-se ainda mais disseminado no imaginário popular e nas relações sociais. Um exemplo é o uso da sombrinha pequena e colorida do frevo, ela tem se caracterizado cada vez mais como o símbolo para

referir-se à cidade do Recife/PE. Sendo adotado muitas vezes pela prefeitura como marca de campanhas turísticas promocionais, assim como a campanha “Recife te quer”, marca que está presente em diversos materiais impressos, digitalizados, de promoções e informações turísticas, sendo distribuídas gratuitamente em eventos, workshops, congressos, meios de hospedagem, postos de informações, receptivos e em todos os eventos em qual a cidade se insere para despertar o interesse pelo destino.

O bem vem sendo bastante projetado em termos de promoção, produção e reprodução nos últimos anos, além de espaços como o Paço do Frevo, que mantém durante todo o ano, atividades educativas e culturais que compõem a programação do espaço, gravações de CDs e DVDs, espetáculos, lançamento de livros, sites, apresentações, está vinculada a cadeia produtiva cultural do frevo, atestando que o bem estar vivíssimo como patrimônio imaterial e referencia absoluta do carnaval pernambucano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O frevo como uma manifestação predominantemente popular, extremamente viva e dinâmica, acaba agindo como uma ferramenta na construção de um legado cultural. Neste contexto, a escolha do tema deste artigo buscou descrever a história do frevo, nas festividades do carnaval pernambucano. Considerando as contribuições que a cultura desempenha nas variáveis sociais e econômica e como produto representativo da criatividade e sensibilidade humana, ressaltamos a importância do frevo no carnaval, que sempre foi e permanece sendo o grande momento, a cada

ano, a celebração máxima do frevo, festa do povo pernambucano e brasileiro, configurada como agente direto da dinâmica cultural que o frevo em todas suas expressões é vivenciado.

Por sua dimensão social e econômica o Estado tem um importante papel no planejamento e fomento das atividades culturais, na preservação e valorização do patrimônio cultural, apesar de o frevo ser considerado um bem cultural bastante contemplado pelas políticas públicas de cultura e patrimônio, faz-se necessário que esse processo deve ser contínuo durante todo o ano e não restrito ao período de carnaval.

No ano de 2021, uma vez que não ocorreu o carnaval devido ao contexto de pandemia, toda a cadeia da economia da cultura foi momentaneamente rompida, prejudicando a relação que o frevo possui com o mercado, tanto da música quanto da dança. Essas questões da cadeia produtiva do frevo precisam ser estudadas visando ações que contemplem a sustentabilidade econômica dos seguimentos culturais do frevo, todos os esforços devem ser tomados pelos atores que compõe essa rede cultural, com ações capazes de garantir a preservação, a valorização e continuidade dessa importante expressão cultural de Pernambuco e do Brasil.

Assim, tem-se que esta pesquisa contribui, academicamente, por meio do levantamento histórico, para ampliar o campo de discussão sobre a importância do frevo para o fortalecimento da identidade cultural pernambucana e para além disso, da necessidade de debruçar esforços em políticas públicas que contribuam para essa valorização. Já para a o campo social, a pesquisa fortalece o laço com a comunidade a partir do momento

SOUZA, M. P. F.; MELO, P. F. C. COMPREENDENDO O FREVO: Evolução Histórica e sua Importância para o Carnaval Pernambucano. In:

em que leva essa discussão para além dos diálogos acadêmicos, mas também para conhecimento e reconhecimento das demais populações e setores públicos por meio de debates, diálogos e rodas de conversa.

Referências

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. **Festas: Máscaras do Tempo, Entrudo, Mascarada e Frevo no Carnaval de Recife.** Recife, Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1996.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, S. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais.** Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

IPHAN - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO. Frevo. **Dossiê IPHAN 14.** Editora: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Brasília: Brasília Artes Gráficas, 2016.

IPHAN. **Dossiê de Candidatura.** Frevo – Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. 2006. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie%20Frevo.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2020.

JUNIOR, Carlos Gomes de Lima; PINHEIRO, Fernanda Souza; MARINHO, Vanessa Adriano. “Nosso maior patrimônio é a vida” – Experiências Salvaguarda e desenvolvimento sustentável no Paço do Frevo. **XVII Enecult** (Encontro de estudos multidisciplinares em cultura), Salvador, Bahia, 27 a 30 de julho de 2021.

LIMA, Glauber Guedes Ferreira de. Economia criativa, patrimônio e diversidade: o Paço do Frevo e o neoconservadorismo nas políticas culturais. **Patrimônio e Memória.** Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, SP, v. 15, n. 1, p. 449-473, janeiro-junho de 2019.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 8. Ed. São Paulo: Atlas, 2017.

SARMENTO, Luiz Eduardo Pinheiro. **Patrimonialização das culturas populares: visões, reinterpretações e transformações no contexto do frevo pernambucano.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). CFCH. Antropologia. Recife, 2010.

UNESCO. **Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage,** Paris, 17 October 2003. Tradução feita pelo Ministério das Relações Exteriores, Brasília, 2006. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ConvencaoSalvaguarda.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2020.

SOUZA, M. P. F.; MELO, P. F. C. COMPREENDENDO O FREVO: Evolução Histórica e sua Importância para o Carnaval Pernambucano. In:

VALADARES, Paula Viviana de Rezende e. **O frevo nos discos da Rozenblit**: um olhar de designer sobre a representação da indústria cultural. 167 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). CAC. Design, 2007.